



Revista Cocar. Edição Especial N.38/2025 p.1-17

ISSN: 2237-0315

Dossiê: (Re)lançar a indagação: A escola tem futuro?

Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo: entrevista com Marisa Vorraber Costa

A place to reinvent the human within the ecology of the universe: interview with Marisa Vorraber Costa

Marisa Vorraber Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre-Brasil

Viviane Castro Camozzato

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Bagé-Brasil

Mônica Knöpker

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

Araranguá-Brasil

Resumo

Nesta entrevista, dialogamos com Marisa Vorraber Costa, uma das principais pesquisadoras dos Estudos Culturais em Educação no Brasil, sobre a pergunta *A escola tem futuro?* Nossa intenção, após mais de vinte anos da publicação da obra de mesmo título organizada por Marisa, é relançar a referida indagação para, de certo modo, atualizarmos tanto a própria pergunta quanto suas possíveis respostas a partir das transformações socioculturais e políticas que temos experienciado desde a publicação dessa obra. Dentre as diversas contribuições dadas pela entrevistada, destacamos seu entendimento sobre a possibilidade de a escola tornar-se um lugar no qual os sujeitos em comunhão possam recuperar sua humanidade e, em consequência disso, contribuir para atenuar as mazelas do mundo.

Palavras-chave: Entrevista; Marisa Vorraber Costa; A escola tem futuro?

Abstract

In this interview, we speak with Marisa Vorraber Costa, one of the foremost researchers in Cultural Studies in Education in Brazil, to explore the question *Does school have a future?* Over twenty years after the publication of her work of the same title, our goal is to revisit this inquiry — updating both the question and its potential answers, considering the sociocultural and political transformations witnessed since the book's release. Among her insights, we highlight her vision of possible future schools as spaces where individuals, through collective engagement, might reclaim their humanity and, in doing so, help alleviate the world's suffering.

Keywords: Interview; Marisa Vorraber Costa; Does school have a future?

Introdução

Nesta entrevista, realizada no primeiro trimestre de 2025, dialogamos com Marisa Vorraber Costa sobre a pergunta *A escola tem futuro?* Nossa intenção, após mais de vinte anos da publicação da obra de mesmo título organizada por Marisa, é relançar a referida indagação para, de certo modo, atualizarmos tanto a própria pergunta quanto suas possíveis respostas a partir das transformações socioculturais e políticas que temos experienciado desde a publicação dessa obra.

Marisa Vorraber Costa é uma das principais pesquisadoras dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. Esteve à frente da criação da linha de pesquisa *Estudos Culturais em Educação* no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que, desde os anos 1990, vem problematizando a educação como um processo sociocultural permeado por disputas de significação implicadas em relações de saber-poder. Professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFRGS, Marisa é licenciada em Filosofia, mestre e doutora em Educação. Realizou estágios de pós-doutorado na Universidade de Lisboa, em Portugal, e na Universidade Complutense de Madri, na Espanha, bem como estágio sênior na Pädagogische Hochschule de Karlsruhe, na Alemanha. Além disso, fez estágio em Educação Continuada de Professores na Inglaterra como bolsista do Conselho Britânico.

Durante vinte anos, Marisa atuou como professora no PPGEDU da UFRGS e, por quinze anos, foi também professora na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Nessas universidades também orientou mestrados e doutorados em Educação. Como bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolveu pesquisas sobre as intersecções entre cultura e pedagogia. Investigou, sobretudo, as relações entre poder, discurso e política cultural na educação, assim como as conexões entre educação, escola, consumo e cultura contemporânea.

Suas publicações incluem mais de setenta artigos em periódicos qualificados, tanto nacionais quanto internacionais, e mais de cinquenta capítulos de livros. Compôs e organizou vinte livros, entre os quais se destacam: *A escola tem futuro?* (Ed. DP&A e Lamparina), livro que motivou o dossiê intitulado *(Re)lançar a indagação: A escola tem futuro?* do qual esta entrevista faz parte; *Trabalho Docente e Profissionalismo* (Ed. Sulina); *O currículo nos limiares do contemporâneo* (Ed. DP&A); *Escola Básica na virada do século: cultura, política e currículo*

(Ed. Cortez); *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema* (Ed. da UFRGS); *O magistério na política cultural* (Ed. da ULBRA); *A educação na cultura da mídia e do consumo* (Ed. Lamparina); *Estudos Culturais & Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões* (Ed. da ULBRA); além das coletâneas *Caminhos Investigativos I, II e III* (Ed. Lamparina).

Marisa é co-fundadora e ex-coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), do qual atualmente participa como consultora. Atuou como editora associada da revista inglesa *Educational Action Research*, foi editora da revista *Educação & Realidade* e fez parte do Comitê Editorial Executivo e, posteriormente, do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Educação, vinculada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). De 2003 a 2025, foi responsável pela rubrica *Cultura e Pedagogia* no periódico português *A Página da Educação*. Atualmente, integra Conselhos Editoriais e atua como consultora de diferentes periódicos.

Sua produção acadêmica é marcada pela profundidade teórico-metodológica e pela habilidade de diagnosticar questões contemporâneas, estabelecendo articulações com temas da educação, pedagogia e docência. Essa abordagem tem contribuído significativamente para que novas e instigantes questões sejam continuamente incluídas em nossas agendas educativas e de pesquisa. O percurso traçado por Marisa evidencia uma pesquisadora inquieta, disruptiva e inventiva.

A entrevista

Viviane Castro Camozzato e Mônica Knöpker: Estimada professora Marisa, há mais de vinte anos você organizou e publicou o livro *A escola tem futuro?*, que permanece, até hoje, sendo uma obra referência para os debates sobre a escola no Brasil. Concebido como um conjunto de entrevistas com destacados pesquisadores(as) em educação do país, o livro traz reflexões provocativas sobre as perspectivas, desafios e possibilidades de renovação para a escola. Em meio a um mundo em constante transformação, revisitá-la oferece a oportunidade não só de refletir sobre os debates da época, mas também de atualizar as discussões considerando os novos cenários e os impactos recentes sobre a educação e a escola.

Nesse panorama, gostaríamos de saber que tipo de debate esperava promover na época ao organizar o livro. E, olhando agora, acredita que ele cumpriu esse papel?

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

Marisa Vorraber Costa: Como escrevi na Apresentação daquela coletânea de entrevistas, eu estava intrigada com certa falta de renovação do debate sobre a escola. Minha aproximação com os Estudos Culturais mostrava-me que, apesar da escola ser intensamente mencionada como alvo de preocupações político-pedagógicas, as abordagens sobre ela traziam raras novidades, repetiam-se muito, principalmente formulando críticas e denúncias, inscrevendo-se, porém, em um conjunto um tanto homogêneo de análises, discussões e propostas. A meu ver, faltava entusiasmo e alguma tensão nos debates da época. O que pretendi, então, foi dar centralidade e visibilidade à escola, trazendo à luz os distintos olhares sobre ela, assim como as múltiplas e variadas expectativas para ela. Eu pensava ser essa uma maneira de podermos vislumbrar como, de diferentes perspectivas teóricas de análise da escola, decorriam distintas propostas, que precisavam ser entendidas e debatidas. A meu ver, isso contribuiria para vislumbrarmos outras possibilidades de problematização, tanto para o encaminhamento de pesquisas como para a proposição de objetivos em novos projetos para ela.

Sobre o segundo foco da pergunta, eu penso que sim, que a obra cumpriu seu papel. A grande aceitação que ela teve — expressa em: número de exemplares impressos e reimpressos, uma segunda edição revista com tiragem numerosa, procura de algumas secretarias de educação de municípios para incluí-la na formação continuada de professores, sua adoção em cursos de formação de professores em nível de graduação e pós-graduação — praticamente por todo o país, nos anos imediatamente seguintes à sua publicação, demonstrou, sob meu ponto de vista, que a discussão que ela propiciou encaixou-se em uma lacuna no panorama educacional brasileiro. Contudo, se pensarmos na escola que temos hoje, no mundo em que vivemos hoje, percebemos que ela vem se tornando um espaço cada vez mais complexo, sensível, a exigir renovados debates e ações no sentido de articulá-la aos “misteriosos” contornos do mundo que se ergue à nossa volta — aqui tomei emprestado um adjetivo empregado por Bauman (2001).

Viviane e Mônica: Professora Marisa, poderia compartilhar conosco como foi o seu processo de preparação para realizar as entrevistas do livro *A escola tem futuro?* Como se deu o planejamento delas e quais foram as condições em que, na maioria dos casos, elas ocorreram? Houve desafios específicos ao conduzir essas conversas com alguns dos principais pesquisadores(as) da educação no Brasil?

Marisa: A ideia do livro me acompanhou por longo tempo. Eu atuava como professora de cursos de licenciatura e ministrava as disciplinas de Didática e de Prática de Ensino na Faculdade de Educação da UFRGS. Isso exigia que também acompanhasse estágios de alunas e alunos nas escolas. Mais tarde, ao ingressar na ULBRA, fui professora de Sociologia da Educação no curso de graduação em Pedagogia. Boa parte das estudantes já exercia a docência no ensino fundamental e compartilhava nas salas de aula da universidade os problemas, dilemas e desafios que enfrentava. Essa condição contribuiu para eu descortinar o amplo espectro de questões postas pelo trabalho nas escolas e praticamente intocadas na formação dos docentes. Minha inserção nos debates introduzidos pelos Estudos Culturais em Educação me aproximou de outros olhares sobre a educação e a escola — faço alusão a eles no capítulo inicial daquele livro —, o que me instigou ainda mais em direção ao projeto de colocar a escola em foco em uma coletânea de entrevistas. É claro que, além de ser um empreendimento trabalhoso, eu precisaria de suporte institucional para sua execução e, conforme igualmente referi lá na Apresentação do livro, submeti o projeto ao CNPq e ele não foi acolhido porque, segundo algum avaliador, ele não tinha jeito de pesquisa. Persisti na busca de condições para realizá-lo e consegui o apoio necessário na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da ULBRA. Então, pus mãos à obra! Depois de eleger os entrevistados, cujo critério foi sua identificação com distintas perspectivas teóricas, nem todas divergentes, mas com linhas de atuação diversas, eu iniciei os convites. Todos e todas aceitaram imediatamente realizar a entrevista, contudo, além de serem professores/pesquisadores muito atarefados, viviam em cidades distantes, num tempo em que o uso da internet não estava tão disseminado como hoje. Como se sabe, as restrições financeiras estão sempre presentes e são um ponto crítico no trabalho de pesquisa que requer deslocamentos. Assim, entrevistei alguns em eventos da área dos quais ambos participávamos e outros por ocasião de sua vinda ao Rio Grande do Sul, estado que resido desde aquela época, para alguma atividade. O professor Miguel Arroyo, eu entrevistei na rodovia BR 116, no trajeto de carro entre o aeroporto de Porto Alegre e a cidade de Caxias do Sul, onde ele faria uma conferência. A única entrevista para a qual precisei viajar até São Paulo foi com a professora Selma Garrido Pimenta, que me recebeu na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Para o planejamento das entrevistas, dediquei-me intensamente à leitura das publicações de cada entrevistado, contudo, não elaborei perguntas previamente. Eu desejava

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

travar uma conversação introduzida e concluída com a pergunta que intitula o livro. A partir dela, meu propósito era manter uma conversa que ensejasse um passeio pela trajetória dos entrevistados, na qual sua formação, seus modos de pensar, convicções teóricas e suas vivências conduzissem às respostas. Considero que essa opção contribuiu para a espontaneidade e a inestimável riqueza dos depoimentos. Para mim, foi uma experiência marcante, instigante, inesquecível, na qual aprendi muito, e até hoje aprendo, ao reler as entrevistas do livro, como foi o caso para esta conversa com vocês. Sou muito grata pela receptividade dos colegas que entrevistei. Aliás, registro ainda que, estimulada por aquele trabalho, projetei um segundo conjunto de entrevistas sobre a mesma questão, desta vez com pesquisadores estrangeiros. Realizei algumas por ocasião dos estágios de pós-doutorado em Portugal e na Espanha, porém, infelizmente, não consegui transcrevê-las, traduzi-las e publicá-las dentro de um prazo razoável. Apenas uma delas consegui retomar recentemente. Trata-se da entrevista com o professor e pesquisador Jorge Ramos do Ó, que se dispôs a relê-la e a atualizá-la, acrescentando um comentário final instigante para sua publicação no dossiê do qual esta entrevista faz parte.

Viviane e Mônica: Professora Marisa, sua menção à entrevista com o professor Jorge Ramos do Ó nos faz refletir sobre a potência de certas interlocuções que permanecem abertas no tempo — como é o caso da pergunta sobre o futuro da escola. Aproveitamos a oportunidade para agradecer a generosidade de ambos por compartilharem esse material tão precioso, que certamente enriquecerá nossas reflexões sobre essa importante questão.

Dando sequência às nossas indagações, como uma das principais pesquisadoras dos Estudos Culturais em Educação no Brasil, gostaríamos de ouvir sua perspectiva sobre contribuições desse campo para pensar a escola contemporânea. Que aspectos dos Estudos Culturais em Educação têm, a seu ver, ajudado a problematizar e a compreender a escola? Além disso, considerando que todo campo de conhecimento também se define pelas lacunas que deixa, em que casos enxerga possíveis urgências/frestas/descaminhos a serem explorados?

Marisa: Na ocasião da publicação do livro, eu discorri sobre isso em seu primeiro capítulo, que já mencionei aqui. Ao retomá-lo para esta entrevista, dei-me conta de que muito do que escrevi lá, há mais de vinte anos, acerca de nossas preocupações e do que conseguíamos enxergar com nossas pesquisas inspiradas pelos Estudos Culturais, se mantém

atual. Um dos pontos importantes, na época, foi reconhecer que lançar um olhar para o contexto sociocultural em que a escola se inscreve incorpora elementos cruciais para sua análise. A esse respeito, penso que foi fundamental expandir o escopo da dimensão educativa para além da demarcação rígida tanto de um território disciplinar supostamente próprio como de instituições. Tal possibilidade, aportada com os Estudos Culturais ao promover o que passou a ser designado como “virada cultural”, apontando para a centralidade da cultura, para seu caráter constitutivo das práticas sociais e dos sujeitos que nelas se movimentam, assim como para a necessidade de articulação entre campos disciplinares distintos, nos ajudou muito. Isso inaugurou outras maneiras de pensar e novas possibilidades para o equacionamento de questões importantes. O que começávamos a fazer era pensar a escola para além de seus limites empíricos, investigando, por exemplo, a produção discursiva sobre ela. Quer dizer, uma matriz de inteligibilidade com abordagens pouco convencionais sobre o papel da linguagem na cultura, trazidas pelas teorias pós-estruturalistas e pelo pensamento pós-moderno na educação, redirecionou as pesquisas e repercutiu nos estudos sobre a escola. A vertente dos Estudos Culturais com a qual nos identificamos até hoje tem sido pródiga ao explorar tal perspectiva. Os estudos sobre como artefatos culturais midiáticos lidam com a escola produziram outras aproximações, apontando para as políticas culturais que incidem sobre ela. Foi então que se começou a dar atenção e importância para a materialidade da linguagem, dos discursos, das imagens, para os regimes de representação nas políticas identitárias, para as práticas de subjetivação, para a produtividade das narrativas midiáticas sobre a escola e seus protagonistas e assim por diante. Entendo que a reflexão desencadeada por tais análises repercutiu e andou na contramão de certos discursos que já começavam a profetizar o desaparecimento da escola. As pesquisas mostravam que, apesar das mazelas proclamadas, ela persistia forte no imaginário popular como detentora do poder para alavancar a vida das pessoas e o aprimoramento da sociedade. Além disso, ao mesmo tempo em que as narrativas midiáticas exploravam intensamente seu papel redentor da sociedade, os espaços escolares iam se reconfigurando à medida que se vislumbrava seu potencial na movimentação do mercado. Não só a escola se transformava em mercadoria, como ela também se constituía como espaço mercantil.

E é em relação a este último ponto que enxergo lacunas e urgências. Acho que já me alonguei demasiadamente nessa explanação, mas menciono pelo menos três pontos

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

interligados que considero termos examinado de forma menos intensa e aprofundada do que poderíamos ter feito. Refiro-me aos estudos sobre a mercantilização da escola, sobre o papel das novas tecnologias nesse processo e sobre políticas públicas que negligenciaram (ou não?) as consequências disso. Eu mesma desenvolvi pesquisas e orientei alguns trabalhos sobre consumo e educação, por exemplo, mas não avaliei adequadamente a importância da continuidade e do aprofundamento daqueles estudos. Hoje percebo que tais questões são talvez o eixo mais nevrálgico das condições em que se debate a escola e sua produtividade na constituição de sujeitos para o mundo que aí está. Aqui é bom sublinhar uma recorrente reafirmação dos fundadores e também dos praticantes dos Estudos Culturais ontem e até hoje — “algo sobre política está sempre em jogo quando se lida com a produtividade da cultura”. E há ainda as questões éticas implicadas nesse panorama de pesquisas que, hoje penso, poderíamos ter aprofundado, inclusive porque já dispúnhamos de ferramentas teórico-conceituais para tal. Entre outras, especialmente a obra de Zygmunt Bauman, que estudamos bastante, já nos oferecia contribuições importantes nessa direção. Lacunas...

Viviane e Mônica: Ao longo de sua carreira, a senhora esteve envolvida em diversas pesquisas, tanto como pesquisadora principal quanto como orientadora de dissertações e teses. Poderia compartilhar conosco algumas dessas pesquisas e comentar sobre como elas contribuíram para a problematização da escola? Quais aspectos centrais dessas pesquisas a senhora considera que ajudaram a expandir ou desafiar as formas de entender a educação e o papel da escola na sociedade?

Marisa: É muito boa a pergunta porque ela permite que eu mencione brevemente algumas pesquisas que trouxeram outros enfoques para se pensar a escola, ainda incomuns no campo da educação no Brasil no final dos anos 1990 e na primeira década dos anos 2000. Elas evidenciaram a fertilidade do solo teórico em que começávamos a nos movimentar. Os projetos de pesquisa que desenvolvi eram “projetos guarda-chuva”, enfeixando conjuntos de estudos sob inspiração teórica e com focos temáticos compartilhados, sendo eles que ensejaram muitas publicações. *Escola e Cultura contemporânea* foi um deles; outro foi *Cultura e Pedagogia*, com alguns desdobramentos. Ressalto, porém, que inúmeras pesquisas vinham sendo também realizadas por colegas pesquisadores dos Estudos Culturais em Educação, apontando para focos relevantes relativos ao universo escolar. Restrinjo-me, aqui, a contar um pouco sobre estudos em que estive diretamente envolvida, realizados por pesquisadores

do meu grupo de pesquisa. Disponho-os em dois conjuntos: a) aqueles que analisaram a maneira como artefatos culturais externos à escola apontavam para a produtividade da cultura sobre ela e b) aqueles que investigaram a escola olhando as práticas em seu interior.

Lembro que a movimentação inicial das pesquisas com os aportes dos Estudos Culturais, ainda lá nos meados dos anos noventa, evidenciava grande atração por análises da representação, particularmente do que circulava na mídia. Tal tendência vinculava-se à nossa empolgação com os estudos dos “pais fundadores” dos *Cultural Studies* (Stuart Hall, Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Thompson, Paul Willis), todos professores que fundaram o Centro de Estudos Culturais na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, sendo que especialmente o pensamento de Stuart Hall nos mobilizava. Investíamos, então, com grande curiosidade, na investigação dos significados produzidos sobre a escola e seus protagonistas, incluindo as disciplinas do currículo, a partir de olhares de fora dela, e sobre o poder de tais significados no sentido de compor a identidade, os objetivos, as rotas, etc. etc. da escola.

Seguindo então a ordem cronológica das nossas pesquisas, inicio mencionando a dissertação de Fabris (1999), que analisou filmes sobre a instituição escolar para abordar as *Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola*. Mais adiante, no doutorado, Fabris (2005) analisou filmes brasileiros na tese *Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*. Os próprios títulos dos trabalhos indicam a interessante, necessária e incomum problematização que a pesquisadora formulava, lá nos anos noventa, acerca da produtividade da cultura sobre a escola e seus protagonistas. Cito também o oportuno estudo de Silveira (2002), com contribuições significativas para se pensar a Matemática na escola a partir do humor, ao examinar a *Produção de significados sobre a Matemática nos cartuns* e apontar, entre outras coisas, para as questões de gênero ali implicadas. Ainda naquele ano, Tonini (2002) apresentou uma análise de livros didáticos na tese *Identidades capturadas – gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia*, que também colocou em pauta discussões sobre políticas culturais de representação e identidade. Mais adiante, outro estudo sobre livros didáticos trouxe aportes sensíveis sobre questões de representação e identidade na dissertação de [Andresa] Costa (2009) sobre *O dispositivo de racionalização da pobreza nas pedagogias contemporâneas: um estudo sobre as representações dos sem-terra no livro didático de História*.

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

Ainda lá no início dos anos 2000, Sommer (2003) defendeu a tese *Computadores na escola: a produção de cérebros-de-obra*, na qual desenvolveu um estudo de caso que consistiu na análise cultural de uma campanha jornalística para a inserção de computadores na educação pública de Novo Hamburgo, cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Há mais de vinte anos, esse estudo já apontava para o processo de produção e regulação dos discursos sobre a informática, discutia a política de verdade colocada em funcionamento e sua implicação com as rationalidades políticas neoliberais contemporâneas e suas práticas de governamento das pessoas. Quer dizer, eram os discursos circulantes fora da escola procurando governar a direção desejável dos objetivos dela. Mais adiante, Nunes (2013), na dissertação *A gestão como redentora da escola – um estudo sobre a revista Nova Escola Gestão Escolar*, analisou a intensa ênfase em discursos sobre processos de gestão escolar, expressão de como se deslocava o foco do ensino para dar centralidade à administração dos “empreendimentos” escolares.

A seguir, passo a referir alguns estudos que nos conduziram para dentro da materialidade do universo escolar, quase todos desenvolvidos por professoras que buscavam compreender processos em curso observados por elas. Início com a pesquisa de Born (2006), intitulada *O telefone celular reconfigurando a infância e a vida escolar*, concluída há quase vinte anos, e que já nos apontava para o celular como um dos artefatos centralmente implicados nas configurações da infância e da vida escolar. A pesquisa mostrou, entre muitos outros aspectos, que ele forja novos tipos de sujeitos infantis, alterando o espaço tradicional da escola. Além de repercutir na linguagem oral e escrita das crianças, ele estaria modificando as relações pessoais, como também interferindo diretamente no currículo escolar. Há mais questões apontadas naquele trabalho que se tornaram cruciais hoje.

Outra pesquisa que nos mobilizou muito, inspirando a produção de vários artigos, foi a tese de Momo (2007): *Mídia e consumo na produção da infância pós-moderna que vai à escola*. A partir do conceito de infância como uma construção cultural, social e histórica sujeita a mudanças, e considerando as condições contemporâneas marcadas pela cultura pós-moderna — outro conceito que, à época, foi muito produtivo para nossas investigações —, o estudo apontou indícios de uma infância pós-moderna na escola. Ele procurou mostrar como novos modos de ser criança e de viver a infância são engendrados e governam a vida das crianças pobres das escolas estudadas; todas elas crianças produzidas, formatadas,

fabricadas pela cultura da mídia e do consumo.

Alguns anos depois, a dissertação de Marcon (2010), *O fantástico universo anime educando jovens otakus para o consumo*, se voltou novamente para a fabricação de sujeitos escolares pela cultura do consumo, agora expressa no fascínio despertado pela cultura pop japonesa. A autora transitou entre as salas de aula e os eventos *animes* em Porto Alegre, no período da pesquisa, para mostrar as repercussões do universo anime na vida de seus jovens fãs dentro e fora da escola. Ela identificou que os sujeitos escolares forjados por esse universo composto por objetos, práticas, personagens e narrativas históricas têm marcas muito peculiares. São dedicados aos estudos e demais tarefas curriculares, convivem em grupos com seus pares *otakus*, valorizam a amizade e outras virtudes de caráter inspirados em seus personagens *animes*. Além disso, concluiu que, imersos na sociedade de consumo, ao adquirirem inúmeros artefatos e saberes daquele universo, além de consumirem avidamente também se tornam mercadorias desejáveis.

Vou mencionar ainda a pesquisa de Brzezinski (2013), que apontou para *Marcas da sociedade de consumidores em espaços escolares contemporâneos*. Realizado há mais de dez anos, aquele estudo já revelava serem gritantes as transformações nos espaços escolares de duas escolas da região metropolitana de Porto Alegre, uma pública e outra privada. Os indícios de características das sociedades contemporâneas marcadas pela mercantilização e o consumo apontaram para três focos: a) transformações na configuração do espaço físico (reformas, decorações e adaptações), aproximando os espaços escolares das peculiaridades emergentes na sociedade; b) transformações na ocupação, indicando que cada vez mais os espaços escolares acolhem eventos dedicados ao comércio e ao consumo; c) transformações pedagógicas, que mostravam a emergência crescente de atividades curriculares, recreativas ou não, promovendo variadas modalidades de mercantilização e consumo.

Retomo agora a parte final da pergunta para dizer que os focos escolhidos e as problematizações formuladas nos estudos que mencionei, e em outros a eles alinhados, tornaram-se possíveis porque o solo teórico em que nos movimentávamos, quero dizer, as ferramentas conceituais e metodológicas de que dispúnhamos, introduzidas pela vertente dos Estudos Culturais na qual nos inscrevemos, produziram um deslocamento importante nas formas de olhar e pensar a escolarização, a escola e seu lugar nas sociedades contemporâneas. Até então, a discussão sobre a produtividade da cultura nos processos

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

educativos em curso nas sociedades era um território de pesquisa negligenciado.

Viviane e Mônica: É instigante perceber o quanto as temáticas e as conclusões destes estudos ainda reverberam na atualidade.

Professora Marisa, tendo em vista os debates em torno da escola e os desafios que significa pensá-la a partir das urgências do nosso tempo, gostaríamos de saber qual, em sua opinião, poderia ser a agenda prioritária da escola para se manter relevante na contemporaneidade?

Marisa: Para responder a esta pergunta vou retomar alguns tópicos dos Estudos Culturais em Educação. A meu ver, a grande contribuição desse campo foi deslocar o eixo das perguntas do sujeito e das práticas para a produtividade da cultura sobre sujeitos e práticas. Já escrevemos muitos artigos sobre resultados de pesquisas que mostraram o que significou essa mudança de perspectiva com os conceitos-chave que lhe deram suporte. Sob essa ótica, seria impossível pensar escola, estudantes e professores desarticulados do panorama sociocultural e temporal em que se inscrevem. Afinal, cada tempo-espacço, com suas circunstâncias e contingências, vai compondo as condições de possibilidade para nossas existências. Já sabemos que, hoje, as fronteiras entre o dentro e o fora da escola estão totalmente borradadas; ela é um microcosmo do mundo em que vivemos. Isso posto, é preciso igualmente sublinhar que “as urgências do nosso tempo” são numerosas e complexas demais para que a escola possa equacioná-las suficiente e adequadamente. Além disso, não há um consenso mínimo sobre quais seriam tais urgências e quais qualidades em termos de objetivos e finalidades expressariam a relevância da escola. Diante de expectativas tão diversas, e não raro divergentes, acerca do papel da escola na atualidade, arrisco-me a palpitar um pouco.

As respostas às entrevistas presentes no livro que motivou o dossier do qual esta entrevista faz parte flagraram alguns desencontros, embora muitos registros se aproximassesem e, no conjunto, tenha havido certa unanimidade no sentido de reafirmar a importância da escola e de sua continuidade. Hoje, transcorrido quase um quarto de século daqueles posicionamentos, percebo que as alterações no panorama sociocultural e político, não só de nosso país, vêm revelando, especialmente, o aprofundamento de tendências e direções. Por sua vez, grande parcela das assertivas contemporâneas acerca da formação de sujeitos para viverem nestes tempos apontam para a expansão e disseminação de lugares pedagógicos, de lugares de aprendizagem, para usar a expressão de Ellsworth (2005). Nessa

direção, a agenda de pesquisas dos Estudos Culturais em Educação tem sido pródiga, particularmente ao lançar mão do conceito de pedagogias culturais e apontar para a produtividade da cultura nos processos educativos em curso nas sociedades de hoje. Procuramos explicar em um artigo — Costa e Wortmann (2016, p. 337) — que isso se tornou possível

[...] quando se operou uma articulação entre campos problemáticos, quando se procurou observar implicações de distintas áreas em questões embutidas em múltiplas ações educativas, quando se começou a considerar uma gama ampliada de instituições, práticas, artefatos e produções em operação nas sociedades atuais. O exame e a reflexão, propiciados pelos ECE [Estudos Culturais em Educação] sobre os efeitos produtivos, formadores, construtivos, inventivos e constitutivos que tais instituições, temáticas, práticas, produções e artefatos têm sobre as sociedades e os sujeitos que nelas vivem favoreceu a ampliação e matização das pautas de questões que podem ser consideradas educativas e/ou educacionais.

Assim sendo, nesse imbricado universo de processos educativos em operação, todos eles implicados em pautas com interesses conflitantes e poderes em luta, sem dúvida a agenda da educação escolar talvez pudesse se restringir a objetivos particulares muito especiais. Contudo, parece que o modelo escolar disciplinar, esboçado há quatro séculos, apesar de desgastado, persiste entranhado no DNA da educação dos humanos. Ao par disso, alguns pesquisadores entendem que a sociedade disciplinar que forjou a escola, hoje se transmuta em sociedade de controle, com risco aumentado para jovens e crianças. Isso porque, ao escaparem da disciplina (em projetos mais avançados, ou não), ficam à mercê de outros controles e coerções, como é o caso das novas tecnologias e dos aparatos digitais midiáticos que delas derivam. Quer dizer, o desejo sempre renovado de governar a vida e dirigir as condutas está sempre presente.

Como vocês já devem ter percebido, a pergunta que me fizeram me fez andar em círculos, contornando-a, talvez pela insegurança que inibe qualquer conjectura acerca de uma agenda para a escola em tempos tão instáveis, mutantes, misteriosos, imprevisíveis, perigosos e assustadores como o nosso. Como uma instituição que mudou tão pouco em tantos séculos poderia ainda fazer sentido nesse cenário? Então arrisco-me. Ao desvencilhar-se do desígnio de transmitir conhecimentos, treinar habilidades e inculcar valores, há séculos atribuído à escola, ela poderia tornar-se um espaço de busca da humanidade. Talvez um lugar onde crianças e jovens humanos, nativos destes tempos tão indecifráveis, pudessesem se

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

entregar a uma reinvenção de si mesmos na ecologia do universo. Um espaço em que o desejo de aprender pudesse ser guiado por cada mente curiosa, sem pressa, e as experiências impulsionassem em busca do outro, em diálogos nos quais as diferenças tivessem lugar e acrescentassem sabedoria e humanidade a cada um. Um território em que os fenômenos, as coisas, os acontecimentos do mundo pudessem ser renovadamente investigados, renomeados e ressignificados. Em um lugar assim, a ética se instauraria a partir do respeito, tão importante para que as relações sejam fonte de felicidade e não de disputas desiguais, infundáveis e injustas. Acho que sonhei um pouco, e poderia prosseguir. E por que não se deveria mais sonhar? Claro que precisaríamos de uma verdadeira mutação na ordem do mundo para que tal sonho se concretizasse, mas sonhos têm sido o motor de grandes transformações. Afinal, em algum lugar, sonho e pensamento se fundem, e a mente humana, têm declarado alguns críticos da Inteligência Artificial, é irreplicável, insubstituível em suas potencialidades.

Viviane e Mônica: E como não sonhar com isso?

Na parte final do capítulo *A escola rouba a cena!*, que abre o livro *A escola tem futuro?*, você escreve:

Parece que a escola do século XXI ainda se mantém como uma instituição central na vida das sociedades e das pessoas. Ela não carece de vitalidade. Seu propalado anacronismo parece ser seu catalisador, como uma Fênix que renasce das próprias cinzas. Se a escola da modernidade não se sustenta mais, ela se transmuta, se hibridiza em múltiplos cruzamentos e se reproduz nos infinitos discursos que sobre ela enunciam. Ela certamente não é de um único jeito, não toma uma só forma. Ela própria já começa a se reconhecer como território da diversidade, contorcionista da incerteza, prisioneira dos poderes que a dobram. Mas uma escola que fala a língua do seu tempoespaço poderia continuar fazendo a diferença no processo de socialização e educação dos humanos (Costa, 2007, p. 21).

Passados mais de vinte anos desde essa análise, gostaríamos de saber como você avalia esse registro a partir das transformações atuais? Continua vendo a escola como um espaço central para a sociedade e para a formação das pessoas? E, além disso, o que considera que distingue a escola dos demais lugares de aprendizagem presentes em nossas sociedades?

Marisa: Penso que, em grande parte, eu reafirmaria o que escrevi lá. Eu diria que embora a importância da escola não se expresse em ações e políticas públicas para ela, me parece que imensa parcela da população ainda concentra nela suas expectativas por aprimoramento, por conquista de melhores condições de vida e ascensão social. Por isso

mesmo, ela é estrategicamente posicionada nos discursos para mobilizar as populações, embora na prática o que se faz para ela e por ela seja ínfimo face ao que seria desejável. Apesar disso, a escola continua aí — e é aqui que reafirmo o que escrevi naquele capítulo da coletânea de entrevistas — “como território da diversidade, contorcionista da incerteza, prisioneira dos poderes que a dobram”. Assim, considerando a força de seu significado, que, parece, ainda persiste no imaginário social, ela poderia ser reinventada como um lugar de busca da “humanidade”, conforme tentei expor na pergunta anterior. Os lugares de aprendizagem e suas pedagogias são incontáveis, porém, o direcionamento de condutas em que se empenham nem sempre está comprometido com objetivos edificantes. Talvez seja até o contrário, quer dizer, em sua maior parte, conforme muitas pesquisas têm mostrado, visam conduzir condutas em direção a interesses particulares e amplamente discutíveis. As pedagogias estão aí para o bem e para o mal. É nesse panorama que a escola poderia ser um nicho no qual os sujeitos em comunhão pudessem reinventar sua humanidade e, em consequência disso, contribuir para atenuar as mazelas do mundo. Mas talvez tudo isso seja mesmo um sonho...

Viviane e Mônica: Marisa, sua trajetória e seu olhar crítico sobre a escola continuam a inspirar pesquisadores(as), professores(as) e todos que acreditam no potencial transformador da educação. Estamos imensamente gratas pelo seu tempo, pelas histórias dos bastidores e pela provocação para pensarmos juntas o futuro da escola. Receba nossos sinceros agradecimentos pela generosidade e pelo rigor intelectual que acompanharam cada resposta. Muito obrigada! Que possamos seguir sonhando com futuros outros para a escola!

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BORN, Lilian Ivana. **O telefone celular e algumas repercussões nos modos de vida da infância e na vida escolar**. ULBRA, 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2006.
- BRZEZINSKI, Adriana Rosa. **Marcas da Sociedade de Consumidores em Espaços Escolares Contemporâneos**. ULBRA, 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2013.
- COSTA, Andressa Silva da. **O dispositivo da racionalização da pobreza nas pedagogias contemporâneas**: um estudo sobre as representações dos sem-terra no livro didático de

*Um lugar para reinventar o humano na ecologia do universo:
entrevista com Marisa Vorraber Costa*

História. ULBRA, 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola rouba a cena!** In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A escola tem futuro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia. Estudos culturais e educação: expandindo possibilidades para compreender a dimensão educativa. In: LISBOA FILHO, Flávio Ferreira; BAPTISTA, Maria Manuel (orgs.). **Estudos culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação.** Aveiro: Universidade de Aveiro; Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016. e-book. p. 335-352. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/estudosculturais/arquivos/livros-completos/ESTUDOS%20CULTURAIS%20E%20INTERFACES%202016.pdf>. Acesso em: 13 maio 2025.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: media, architecture and pedagogy.** New York: Routledge, 2005.

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola.** UFRGS, 1999. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente.** UFRGS, 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MARCON, Carla Simone Corrêa. **O fantástico universo anime educando jovens otakus para o consumo.** ULBRA, 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2010.

MOMO, Mariangela. **Mídia e consumo na produção da infância pós-moderna que vai à escola.** UFRGS, 2007. 365 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NUNES, Carla Conceição Souza. **A gestão como “redentora” da escola** – um estudo sobre a revista Nova Escola Gestão Escolar. ULBRA, 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2013.

SILVEIRA, Márcia Castiglio da. **Produção de significados sobre matemática nos cartuns.** UFRGS, 2002. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SOMMER, Luís Henrique. **Computadores na escola:** a produção de cérebros-de-obra. UFRGS, 2003. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia.** UFRGS, 2002. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Sobre as autoras

Marisa Vorraber Costa

Doutora em Educação pela UFRGS, mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialista em Métodos e Técnicas de Ensino pela PUCRS e licenciada em Filosofia pela UFRGS. Realizou estágios de pós-doutorado na Universidade de Lisboa e na Universidade Complutense de Madri, bem como estágio sênior na Pädagogische Hochschule de Karlsruhe. Além disso, fez estágio em Educação Continuada de Professores na Inglaterra como bolsista do Conselho Britânico. Atualmente, é professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFRGS. Email: vorrabercosta@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5450-3859>

Viviane Castro Camozzato

Doutora e mestre em Educação pela UFRGS. Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Realiza estágio de pós-doutorado em Educação na UFRGS. Professora da UERGS, na unidade em Bagé. E-mail: vicamozzato@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2617-0529>.

Mônica Knöpker

Doutora em Educação pela UFRGS, mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), especialista em Gestão Escolar pela UFRGS e licenciada em Pedagogia pela ULBRA. Realizou estágio de pós-doutorado em Educação Científica e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do IFSC, câmpus Araranguá. E-mail: monica.knopker@ifsc.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0766-1621>.

Recebido em: 25/06/2025

Aceito para publicação em: 03/07/2025